



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo Relato de Experiência Relato de Caso

A SOCIEDADE OPRESSIVA DE *O CONTO DA AIA*

AUTOR PRINCIPAL: Thais Geraldi de Andrade

ORIENTADOR: Ivânia Campigotto Aquino

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

Os direitos das mulheres são pautados durante toda a história da humanidade. Dessa forma, são perceptíveis as conquistas e mudanças ao longo da evolução do pensamento humano. Tanto que, em uma análise desatenta, é possível esquecer que esses direitos não são permanentes e que podem ser tomados a qualquer momento. Diante de um cenário mundial conturbado, a narrativa do livro *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, e a primeira temporada da série *The Handmaid's Tale*, adaptada do livro, surgem como recurso para uma reflexão situacional. Tomam-se, portanto, como materiais de análise, essas duas obras de ficção, cujas histórias narram uma sociedade distópica em que os cidadãos, em especial as mulheres, perderam seus direitos e a liberdades. Com isso, busca-se analisar o papel social e as opressões enfrentadas pelas mulheres nessas sociedades ficcionais, tendo como foco os principais pontos da narrativa distópica, as diferenças entre as narrativas do livro e da série, a fim de identificar opressões vivenciadas pelas mulheres na República de Gilead, relacionando-as à realidade vigente.

DESENVOLVIMENTO:

A utopia surgiu como pensamento filosófico e literário, ou seja, uma corrente de pensamento que diz respeito à criação de uma sociedade ideal, mas praticamente impossível de se alcançar. Por séculos ela foi responsável por narrar as expectativas do homem com o seu futuro, entretanto, da adequação literária em narrar os fatos humanos, surge a literatura distópica, afinal, em um contexto social em que a esperança humana



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



no progresso se encontra cada vez mais defasada, a violência é diária e as certezas caem por terra, uma distopia passa a ser mais verossímil (FIGUEIREDO, 2009).

Segundo Martins (2007), com a chegada das distopias literárias percebe-se pontos importantes antes não analisados. Por exemplo, toma-se consciência de que a distância entre o ideal positivo e o negativo nunca foi tão grande quanto havia sido suposto. Dessa forma, torna-se fácil visualizar a linha tênue que separa a utopia de converter-se em um regime autoritário e opressor.

Assim, as distopias passam a ser como um alarme de incêndio, expondo, muitas vezes através do exagero, tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade. “As distopias problematizam os danos prováveis caso tendências do presente vençam” (HILÁRIO, 2013, p. 206). Ou seja, elas são uma imagem projetada de futuro, ao observar-se profundamente o presente, mostrando assim o que deveria se combater.

Pensando que as narrativas de *O conto da Aia* se constituem em dois formatos diferentes, ou seja, romance e série televisiva, faz-se necessária uma breve análise sobre a adaptação de textos para outras mídias. Linda Hutcheon (2013) fala sobre a importância das adaptações para o romance-fonte sobreviver, ou voltar ao mercado depois de muito tempo esquecido, como de fato acontece com o livro em questão. Nesse sentido, Robert Stam (2006) reforça o fato de que a cada recriação de um romance para uma nova mídia, desmascaram-se facetas não apenas do romance e seu período e cultura original, mas também do momento e da cultura que se apresenta no período da adaptação. Hutcheon (2013), reforça que cada modo de contar uma história, irá possibilitar, devido ao suporte, que ela seja narrada de uma maneira, dessa forma, a televisão fará uso de artifícios que dificilmente um livro usará com tamanha maestria. Dessa forma, uma adaptação não é um texto inferior, e sim, um texto novo e autônomo.

Com a premissa de que a arte imita a vida, e que é através dela que a significação da realidade é constituída, partiu-se para a busca das opressões vivenciadas na narrativa ficcional que se assemelham a realidade social. Pode-se destacar no estado teocrático da narrativa, a presença de uma religião patriarcal, que desde sua origem, tem como pauta uma mulher que deveria ser submissa, e ao recusar-se a esse papel, passa a desenvolver o de pecadora. Nota-se também conceitos como: rivalidade feminina, violência psicológica e sexual, culpabilização da vítima, maternidade compulsória, controle de natalidade e manipulação da palavra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em *O Conto da Aia*, mais do que apresentar uma sociedade distópica, em que o autoritarismo e o cerceamento de direitos acontecem, a autora insere o leitor em uma retrospectiva ao passado da humanidade, afinal, as opressões narradas já existiram ou existem ainda hoje. A violência não é apenas ficcional, a ficção só deixa aparente aquilo que é velado e escondido das mentes; a violência existe, e está esperando para fazer novas vítimas.



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret Eleanor. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- FIGUEIREDO, C. D. *Da utopia à distopia: política e liberdade*. Revista Eutomia, Ano II, n. 03, v.1, jul. 2009.
- HANDMAID'S tale, The. Direção: Miller, Bruce. Estados Unidos: Hulu, 2017.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. *Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade*. Revista Anuário de Literatura, n. 2, v. 18. 2013.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- MARTINS, Ana Claudia Aymoré. *Morus, Moreau, Morel: a ilha como espaço da utopia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007
- STAM, Robert. *Teoria e prática da adaptação: Da fidelidade à intertextualidade*. Florianópolis. Revista Ilha do desterro. nº 51, jul/dez. 2006